

# TRABALHO, HOMINIZAÇÃO E EDUCAÇÃO NA PRODUÇÃO DA VIDA MATERIAL DO HOMEM

LABOR, HOMINIZATION AND EDUCATION IN THE  
PRODUCTION OF MAN'S MATERIAL LIFE

TRABAJO, HOMINIZACIÓN Y EDUCACIÓN EN LA  
PRODUCCIÓN DE LA VIDA MATERIAL DEL HOMBRE

*Vanderlei Amboni<sup>1</sup>*

**Resumo:** o ensaio traz a discussão do trabalho como processo constante de hominização e o acúmulo de conhecimento realizado no devir histórico do homem por meio da educação, cuja materialidade é a (re)produção da vida material do homem. O ato de comer, beber, vestir-se e morar, uma premissa básica da vida humana, é um ato histórico realizado pelo homem no seu cotidiano, mas dentro das condições materiais de sua existência. O objetivo é mostrar a natureza do trabalho no processo de hominização e a educação que gravita em torno do mesmo, como essência do homem real. Para esse fim, leituras de autores materialistas são fundamentais para a compreensão da existência do homem como ser "natural" do trabalho. Desse modo, observa-se que o fenômeno de hominização é um processo vinculado ao acúmulo de conhecimento realizado pelo homem no seu vir a ser, cujos objetos são construídos historicamente na relação social mediatizada pelo trabalho, o que permite afirmar que o processo de hominização passa pela materialidade do trabalho na produção da vida social do homem.

**Palavras-chave:** Trabalho – Hominização – Educação – Vida material – Sociedade.

**Abstract:** The theoretical work brings the discussion of work as a constant process of hominization and the accumulation of knowledge realized in the historical development of man through education, whose materiality is the (re) production of the material life of man. The act of eating, drinking, dressing and living, a basic premise of human life, is a historical act performed by man in his daily life, but within the material conditions of his existence. The purpose is to show the nature of the work in the process of hominization and the education

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atua como Professor Adjunto do Colegiado de História da Universidade Estadual do Paraná, Campus de Paranavaí. É membro do Grupo de Pesquisa "Transformações Sociais e Educação na Antiguidade e Medievalidade" (UEM) e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação do Campo (GEPEC/UFSCar). E-mail: [vanderlei.amboni@unespar.edu.br](mailto:vanderlei.amboni@unespar.edu.br)

that revolves around it, as the essence of the real man. To this end, readings of materialistic authors are fundamental to the understanding of man's existence as a "natural" work being. Thus, it is observed that the phenomenon of hominization is a process linked to the accumulation of knowledge made by man in his becoming, whose objects are built historically in the social relationship mediated by work, which allows to affirm that the process of hominization passes by the materiality of labor in the production of the social life of man.

**Keywords:** Work – Hominization – Education – Material life – Society.

**Resumen:** el ensayo teórico trae la discusión del trabajo como proceso constante de hominización y la acumulación de conocimiento realizado en el devenir histórico del hombre por medio de la educación, cuya materialidad es la (re) producción de la vida material del hombre. El acto de comer, beber, vestirse y vivir, una premisa básica de la vida humana, es un acto histórico realizado por el hombre en su cotidiano, pero dentro de las condiciones materiales de su existencia. El objetivo es mostrar la naturaleza del trabajo en el proceso de hominización y la educación que gravita en torno al mismo, como esencia del hombre real. Para este fin, las lecturas de autores materialistas son fundamentales para la comprensión de la existencia del hombre como ser "natural" del trabajo. De este modo, se observa que el fenómeno de hominización es un proceso vinculado a la acumulación de conocimiento realizado por el hombre en su venir a ser, cuyos objetos se construyen históricamente en la relación social mediatizada por el trabajo, lo que permite afirmar que el proceso de hominización pasa por la materialidad del trabajo en la producción de la vida social del hombre.

**Palabras clave:** Trabajo – Hominización – Educación – Vida material – Sociedad.

## Introdução

[...] Na espécie humana a educação não continua apenas o trabalho da vida. Ela se instala dentro de um domínio propriamente humano de trocas: de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações de poder. Mas, a seu modo, ela continua no homem o trabalho da natureza de fazê-lo evoluir, de torná-lo mais humano [...] (BRANDÃO, 1981, p. 14).

O homem apropria-se do seu ser omnilateral de uma maneira omnicomprensiva, portanto, como homem total. Todas as suas relações humanas ao mundo – visão, audição, olfato, gosto, percepção, pensamento, observação, sensação, vontade, atividade, amor –, em suma, todos os órgãos da sua individualidade, como também os órgãos que são diretamente comunais na forma, são no seu comportamento objetivo ou no seu comportamento perante o objeto a apropriação do sobredito objeto, a apropriação da realidade humana. A maneira como eles reagem ao objeto é a confirmação de realidade humana (MARX, 1963, p. 197).

No presente trabalho, partimos da premissa em que o ser homem, como ser da natureza, tem uma objetividade exterior à sua existência, que é o trabalho. Sua base natural não o distingue dos demais seres da natureza nos primórdios de sua existência, que, como animal, luta nos limites de sua capacidade física para reproduzir-se como tal. A sua base ontológica é um processo de separação da barreira natural na luta diária pela vida, no qual vai ganhando consistência formativa humana, pois vai desenvolvendo os órgãos da sua individualidade (visão, audição, olfato, gosto, percepção, pensamento, observação, sensação, vontade, atividade, amor etc.) para a atividade-fim, que é a sobrevivência diária. Neste processo, ele age sobre a natureza. Ademais, o ato de agir sobre a natureza, em função de atender às necessidades mais básicas e elementares à

reprodução da vida, é um processo laboral que ocorre na luta diária, que se desenvolve como elemento ímpar da reprodução e se aprofunda à medida que novas necessidades surgem de forma mais complexa ao longo da existência humana, ao longo do seu devir histórico. Corroborando com nossa tese o que Lambardi (2001) vai descrever como sendo um processo histórico, e, com efeito, afirma que "[...] A essência do homem é um feito humano [...]. (LOMBARDI, 2011, p. 103).

O homem traz em si duas condições que lhes são *sine qua non* no processo de hominização e hominização, a do trabalho e da educação. Esta relação é um imperativo para se compreender a existência da vida do homem e sua reprodução como humanidade. Na luta pela vida, o homem se afastou da barreira natural e a defrontar-se com o trabalho, como meio de reprodução de si mesmo, passou-se a distinguir-se dos demais seres. Neste processo, o homem adquiriu consciência de si, da sua existência, e do que faz para manter-se vivo, e o homem começa a acumular conhecimento do que produz, que é a essência da vida humana. Portanto, há um fato originário e distintivo no homem, o de ser um ser social. Mas a essência humana, do ser social, "não está dada de uma vez para sempre em cada indivíduo pelo simples fato de nascer, mas tem de ser criada por ele ao longo da existência, dependendo, portanto, das condições materiais, sociais, em que decorrerá sua existência." (PINTO, 1962, p. 08-09). Nesta relação, o homem impõe a si mesmo, como condição primária de sua existência material, uma pedagogia particular, que é a do trabalho. Mas esta vincula-se ao que o homem vai produzindo de bens e acumulando-o de conhecimento no seu devir histórico, o que lhe permite reproduzir-se como ser humano por meio da educação. Com efeito, Pinto (1962, p. 10) diz "[...] o trabalho, para ser possível, impõe o surgimento de vínculos entre os homens, ou, noutras palavras, a produção de bens, que é a finalidade, assume obrigatoriamente caráter social. [...]" Em síntese, o ato de comer, beber, vestir-se, se abrigar das intempéries e dos perigos da vida são as premissas básicas da existência da vida material do homem e isto ele o faz por meio do trabalho, que é o elemento central de hominização, e da educação, enquanto elemento de acúmulo da cultura material necessário à sua reprodução como homem social. Estas são as premissas do presente trabalho.

## O ser homem na hominização pelo trabalho

A capacidade de responder aos estímulos sociais, de criar hábitos de convívio social e de ministrar trabalho útil para si e para os outros) é inerente ao ser humano por sua simples constituição. O animal só possui a capacidade de responder aos estímulos e de, em consonância, adaptar-se ao seu meio. Com isso consegue sobreviver e se reproduzir. Porém o homem, por sua constituição como ente racional, por sua consciência, tem a capacidade de fazer algo mais, ou seja, de trabalhar (PINTO, 1987, p. 47).

O processo de hominização é o lento resultado do afastamento do homem da sua barreira natural, cuja centralidade é estabelecida com um elo que o movimenta e o coloca a produzir de forma consistente e constante os mecanismos que garantem sua sobrevivência na terra e a criarem uma determinada forma de relação com outros iguais

para manterem-se vivos, e assim, enfrentarem de forma coletiva os obstáculos que a luta pela vida lhes impõe na luta pela sobrevivência. Isso implica no estabelecimento de uma relação direta do mesmo com a natureza, mas de forma mediada pelo ato de transformação da natureza para si. Este ato diário de mediação homem e natureza é o ato constitutivo do trabalho, onde o verbo se faz carne e dá substância ao homem, tal qual o conhecemos. Isso leva Lukács (2013, p. 43) a afirmar que "[...] a essência do trabalho humano consiste no fato de que, em primeiro lugar, ele nasce em meio à luta pela existência e, em segundo lugar, todos os seus estágios são produtos de sua autoatividade." Ele nasce e permanece como uma atividade humana e esta "atividade é um processo de inter-tráfego entre pólos opostos, sujeito e objeto." (LIONTIEV, 1972, p. 02). Entretanto, este ato não é algo simples, pois não há registro feito pelo homem do seu afastamento da natureza. O que há são vestígios de instrumentos necessários à produção da vida material feitos ao longo processo de maturação do homem. Com efeito, Childe (1975, p. 61) observa que "o aparecimento do homem sobre a Terra é indicado pelos instrumentos que ele fez", pois "o homem necessita de instrumentos para suplementar as deficiências de seu equipamento fisiológico na obtenção de alimento e abrigo. [...]" (CHILDE, 1975, p. 61). Em consonância com as posições teóricas de Lukács, Costa (2006, p. 03) assevera que "O trabalho, enquanto posição teleológica primária, aquela que articula a troca orgânica entre sociedade e natureza, é o momento predominante no salto ontológico entre o mundo natural e a constituição da vida especificamente humana." Nesta perspectiva, Pinto (1962, p. 09) afirma que "[...] A forma de relação estabelecida pelo homem com a natureza é única, específica, privativa dêsse animal, e por isso o distingue radicalmente de todos os demais, inclusive daqueles que levam existência grupal: tal forma consiste no trabalho." Igualmente, Moretti et al apud Engels (2011, p. 479), trazem que "[...] o animal utiliza a natureza exterior e produz modificações nela pura e simplesmente com sua presença, entretanto, o homem, por meio de modificações, submete-a [a Natureza] a seus fins, a domina. É esta a suprema e essencial diferença entre o homem e os animais; diferença decorrida também do trabalho".

Com efeito, Lukács (2013, p. 43) observa que "[...] a essência do trabalho humano consiste no fato de que, em primeiro lugar, ele nasce em meio à luta pela existência e, em segundo lugar, todos os seus estágios são produtos de sua autoatividade." E a atividade, segundo Leontiev (2001, p. 68), é entendida como "aqueles processos que, realizando as relações do homem com o mundo, satisfazem uma necessidade especial correspondente a ele." Desse modo, é conveniente a observação feita por Lefebvre (2011, p. 46), a qual "o homem só se torna humano criando um mundo humano. É dentro de sua obra e por meio dela que ele se torna ele mesmo, mas sem confundir-se com ela, embora não se separe dela." Corrobora nas discussões a tese de Fromm (1967, p. 33), quando este afirma que "o homem modifica-se no curso da história", pois "ele é produto da história, transformando-se na evolução desta." Por isso, Fromm afirma (1967, p. 33) afirma que "a história é o processo da criação do homem por si mesmo, pela evolução no processo de trabalho das potencialidades que lhe são dadas ao nascer." São dadas, mas há uma tautologia, pois o homem, enquanto sujeito histórico determinado pelo trabalho, traz também uma nova relação, a do sujeito coletivo, pois o ato de trabalho para satisfazer suas necessidades primárias não é realizado de forma

individual. A mesma é resultado da associação de indivíduos na produção da vida. Desse modo, Pinto (1962, p. 10) reflete que

[...] o trabalho que o homem exerce, por necessidade, exerce sobre o mundo exterior não pode ser praticado de modo isolado, individual, agindo cada trabalhador independentemente dos demais. Ao contrário, a condição para que seja realizado com êxito, se encontra na associação dos indivíduos para cumprir em operação conjunta a tarefa que devem levar a cabo para sustentar a vida [...].

Na materialidade do ser homem, o ato de agir sobre a natureza para atingir determinado fim, que é manter-se vivo, o trabalho é um processo que se torna social e que se naturaliza no dia a dia no ato de produzir a vida acompanhado do processo de educação, que é *pari passu* criado na hominização. Neste processo, podemos afirmar que o homem rompe as barreiras que o prendem ao natural e vai criando uma natureza humana qualificada pelo trabalho, que se torna cada vez mais complexo na relação com a natureza e o torna também um ser complexo na medida em que o trabalho assume cada vez mais um caráter pedagógico de ação concreta sobre a natureza. Na produção da existência real do homem, a ação sobre a natureza é ato pensado pelo homem, cujo processo transforma-o também *pari passu* com o ato mediado pelo trabalho. Com efeito, Bezerra Neto (2009, p. 03) observa:

[...] Considere-se que em qualquer sociedade o homem é necessariamente levado a pensar de acordo com o modo de produção desenvolvido no momento em que ele está vivendo, pois a maneira como nos organizamos para produzir a nossa sobrevivência determina nossa forma de pensar e agir socialmente, fazendo com que nos tornemos seres situados no tempo e no espaço [...].

A observação de Bezerra Neto traz uma síntese do devir histórico do homem na produção de sua existência, o qual tem a vida material determinada pela forma de organização do trabalho sob a qual se estrutura toda uma forma de pensar e agir socialmente, condicionada à forma de trabalho exteriorizada pelo mesmo no modo de produzir a vida. Trabalho, portanto, é o cerne da vida do homem. Não obstante, Lombardi (2011, p. 103) sustenta que:

O ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos pelo nome de trabalho. [...] O que o homem é, o é pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico.

Moretti et. al (2011, p. 479), têm o mesmo ponto de vista, pois asseveram que "Ao agir intencionalmente sobre a natureza, visando transformá-la de modo a satisfazer às suas necessidades, produzindo o que deseja e quando deseja, o homem ao mesmo tempo em que deixa sobre a natureza as marcas da atividade humana, também transforma a si próprio constituindo-se humano".

Nesta perspectiva, o trabalho é considerado como uma atividade proposital, que é orientada pela necessidade primária do processo de produção da vida, que é o de alimentar-se. Mas o trabalho exercido pelo homem sobre o mundo exterior, com fins de satisfazer suas necessidades, não pode ser realizado de forma isolada pelos indivíduos, cujo caráter de produção da existência traz, como condição de realização das atividades um ato associativo dos indivíduos, para dar conta do processo produtivo

e levar as tarefas de forma conjunto para a sustentação da vida. Neste sentido, Pinto (1962, p. 10) assegura que "[...] o trabalho, para ser possível, impõe o surgimento de vínculos entre os homens, ou, noutras palavras, a produção de bens, que é a finalidade, assume obrigatoriamente caráter social." Portanto, concordamos com a posição teórica de Silva (1981, p. 13), que diz "[...] o homem, ao agir sobre o mundo externo, transforma-o, faz cultura e, ao mesmo tempo, modifica a sua natureza." Ou seja, no processo de produção da vida o homem se afasta de forma permanente da barreira natural, se hominiza na relação direta com a natureza e se humaniza na relação, também direta, com outros homens, e isto o torna um ser social. Este processo, segundo Frigotto (2017, p. 08), "[...] decorre a centralidade necessária do trabalho como atividade vital, valor de uso, mediante o qual o ser humano, em qualquer tempo histórico, produz e reproduz sua vida material e, concomitantemente, as diferentes dimensões humanas." Tal perspectiva também é apresentada por Paro (1999, p. 106), ao observar que:

Se o que caracteriza o ser humano e o diferencia dos demais seres da natureza é sua não-indiferença com relação ao mundo, que o leva a criar valores e a fazer deles objetivos que ele busca alcançar, o que lhe possibilita a concretização dessa diferença é precisamente a atividade que ele desenvolve para concretizar esse fim, ou seja, o trabalho humano.

Do ponto de vista de Frigotto e Paro, a atividade nuclear do trabalho é a criação de valores de uso ao produto, cuja necessidade se faz presente socialmente. A relação homem e natureza está na necessidade premente do homem em satisfazer suas necessidades primárias, alcançada com o afastamento da barreira natural de sua existência, que são o ato de comer, beber, vestir-se e ter um teto para se abrigar. Precipualemente, o trabalho do homem sobre a natureza visa suprir suas necessidades imediatas, diferenciando-se dos demais animais, que também lutam de pela vida, mas o fazem de maneiras distintas. Na luta pela vida, os animais o fazem com aquilo que encontram na natureza e o homem o faz pelo trabalho. Ou seja, os satisfazem suas necessidades primárias com características distintas. O animal supre sua fome com a caça ou o que lhe é dado pela natureza; supre sua carência frente as intempéries com sua própria pele, pois sua atividade é biologicamente determinada, portanto, sua sobrevivência é assegurada na adaptação ao meio. Neste sentido, "[...] o animal limita-se à imediaticidade das situações, atuando de forma a permitir a sobrevivência de si próprio e a de sua prole; isto se repete, com mínimas alterações, em cada geração." (ANDERY et al, 1994, p. 11). O homem, pelo contrário, supre suas necessidades na produção do próprio alimento, apesar de praticar a caça, pesca e coleta, onde o faz de forma coletiva e com os instrumentos por ele criado, incorporando as experiências e os conhecimentos que são produzidos no processo de ação do homem e que são transmitidos de geração a geração por meio da educação, e isto permite que, no homem, a nova geração não necessite voltar ao ponto de partida da que a precedeu. (ANDERY et al 1994); supre suas carências frente as intempéries utilizando pele de animais e, para se abrigar, constroem suas próprias moradias. A atividade de ambos assegura sua reprodução como seres vivos, que necessitam da natureza exterior como fonte primária para o ato de comer, o que exige habilidades que cada qual desenvolve para tal fim. Nesta perspectiva, Pinto (1962, p. 10) argumenta que "[...] enquanto os demais seres animais utilizam para se nutrir ou satisfazer suas outras necessidades aquilo que encontra ao seu alcance, o homem atua sobre a natureza com o fim de

*produzir* os elementos de que precisa para sustentar e desenvolver a existência [...].” Com efeito, Tckeskiss (1934, p. 37-38) observa:

Para existir, deve o homem desempenhar uma certa atividade em relação à natureza exterior. Ele deve adaptar-se à natureza para poder viver e não ser por ela aniquilado. E essa adaptação se realiza graças à atividade do homem. Mas só na adaptação não poderemos encontrar o conteúdo, o característico da vida social humana. Uma adaptação à natureza encontramos também nos seres inferiores. Na simples adaptação há, portanto, pouco de humano, menos ainda de social. Que é então o que distingue a adaptação humana à natureza? Em primeiro lugar a forma social. Essa adaptação se realiza não em forma individual; o homem se adapta à natureza, socialmente. Duas formas de atividade humana estão ligadas à sua adaptação à natureza: 1º, uma atividade que serve diretamente à satisfação das necessidades de sua existência (nutrição, reprodução). Para satisfazer suas necessidades desta natureza precisa o homem exercer certa atividade (por exemplo, comer, beber, respirar, manter relações sexuais etc.), mas essas atividades são provocadas diretamente pelas próprias necessidades de momento. 2º, há uma outra atividade que serve indiretamente à satisfação das necessidades (cozinhar para comer, puxar água para beber, colher frutas para comer etc.). A atividade do homem na primeira forma, serve-lhe para satisfazer diretamente suas necessidades, só pode ser útil ao indivíduo que exerce essa atividade (não se pode comer por outros). A atividade da segunda forma (satisfazer indiretamente suas necessidades) pode ser também útil a outros (pode-se colher frutas para outros, pode-se trazer água não só para si, como também para que outros bebam). Essa atividade do homem, que serve diretamente a satisfazer suas necessidades, tem uma característica especial, que consiste na possibilidade de se tornar social. A essa atividade, em geral, denominamos: trabalho.

Na narrativa de Tckeskiss está presente o processo determinante da atividade do vir a ser do homem, isto é, o seu processo de hominização. E isto está dado para satisfazer suas necessidades primárias, como o ato de comer, beber, vestir-se e abrigar-se por meio de atividades peculiares que o mesmo desenvolve para poder atendê-las. Dessa forma, ele age, pois “comer” significa atos que envolvem a busca do que é alimento, onde encontrá-lo na natureza, sua forma de preparo e as relações sexuais que são desenvolvidas para poder satisfazer suas necessidades e a dos que convivem com ele. Com efeito, afirmamos que este é o processo de hominização estabelecido pelo trabalho, que vai se tornando também social como atividade nuclear do processo da vida. Mediante o exposto, Pinto (1962, p. 09-10) sustenta que “é exatamente esta *atuação* com o fim de *produzir* o que não está imediatamente dado, que configura a *essência do trabalho*. Por isso, só o homem é um ser vivo capaz de trabalhar. Os animais não têm essa capacidade. Deste modo, compreende-se por que motivo o trabalho se encontra na origem da essência humana do homem”.

Nesta perspectiva, o homem é filho do trabalho, cujo campo de ação é a natureza sob o qual o homem age de forma concreta e objetiva pelo trabalho por meio do ato pensando, transformando-a para si como elo permanente de ação para a reprodução da vida material. Neste processo de luta pela vida o homem se diferencia dos demais seres da natureza, e o faz pelo trabalho, conforme sustenta Pinto (1962, p. 09), para quem

[...] a sociabilidade dos homens surgiu e foi se desenvolvendo em formas diversas ao longo do tempo, por efeito do modo particular como esses seres se relacionaram com a natureza no provimento das condições indispensáveis à sustentação da sua

vida, por efeito das necessidades impostas pela execução dessa relação vital com o mundo natural, numa palavra, como resultado do trabalho.

Em consonância com o pensamento marxiano, na observância do trabalho como elemento-chave da existência do homem, posto que sua existência real se faz por meio de uma imposição extra material, que é determinante na formação e na reprodução da vida como tal, pois sem esta imposição (ato de produzir vida) não há vida humana e nem vida humana em sociedade. Nesse sentido, no ato de produzir a vida, o homem entra em contato com a natureza e, por meio das modificações realizadas a submete para si e a domina pelo seu trabalho. Mas esta imposição posta pelo afastamento da barreira natural na luta pela vida o traz como sujeito da sua própria história, cujo elo de hominização traz um fato novo, o de pertencimento a uma nova forma de ser social, o ser social do trabalho. Portanto o homem é um ser que, deste o seu nascimento como o homem, faz história e a faz porque se distingue dos demais animais pelo trabalho, mas o distingue porque seu trabalho é um ato pensado, um ato cuja materialidade exige um planejamento mental para se tornar um objeto. Desse modo, o ato se torna um ato histórico, cuja existência se dá em virtude de um atendimento real de satisfação de necessidades primárias do homem, que está em luta pela vida. Sua história é o registro da sua luta pela vida. Nesta perspectiva, Fromm (1962, p. 35-36) sustenta que:

[...] o homem é, por assim dizer, a matéria-prima humana que, como tal, não pode ser modificada, tal como a estrutura do cérebro tem permanecido a mesma desde a aurora da história. Contudo, o homem de *fato* muda no decurso da história: ele se desenvolve, se transforma, é o produto da história; assim como *ele* faz a história, ele é seu próprio produto. A história é a história da auto-realização do homem; ela nada mais é que a autocriação do homem por intermédio de seu próprio trabalho e produção: 'o conjunto daquilo a que se denomina história do mundo não passa de criação do homem pelo trabalho humano, e o aparecimento da natureza para o homem; por conseguinte, ele tem a prova evidente e irrefutável de sua autocriação, de suas próprias origens'.

Neste aspecto, a identidade humana traz no cerne de sua criação o trabalho vivo, cuja materialidade é a expressão da autocriação no caráter fundante do seu ser, que se hominiza na luta pela vida e, neste processo, a natureza se descortina para ele como um elemento vital à sua sobrevivência. Ao atuar sobre a natureza de forma perene, o homem a modifica constantemente e, ao modificá-la, também se transforma, pois sua atividade criadora traz um devir histórico de formação social, cujo ápice são as formações históricas, com suas expressões culturais, religiosas, educacionais, políticas etc. E, nesta relação, a atividade desenvolvida pelo indivíduo na luta pela vida cria mediações também com outros indivíduos e produz vida social. Não obstante, Moretti et al (2011, p. 479) argumenta que:

[...] Na realização de sua atividade<sup>2</sup>, o homem singular relaciona-se de forma também mediada com o gênero humano. Essa mediação entre o indivíduo e a genericidade é a própria relação que o homem singular estabelece com a sociedade. Nesse processo de apropriações e objetivações, viabilizado por meio do trabalho,

---

<sup>2</sup>A primeira condição de toda a atividade é uma necessidade. Todavia, em si, a necessidade não pode determinar a orientação concreta de uma atividade, pois é apenas no objeto da atividade que ela encontra a sua determinação: deve, por assim dizer, encontrar-se nele. Uma vez que a necessidade encontra a sua determinação no objeto (se 'objetiva' nele), o dito objeto torna-se motivo da atividade, aquilo que o estimula. (LEONTIEV, s/d, p. 115).

o indivíduo torna-se humano ao longo de sua vida em sociedade, ao apropriar-se da essência humana que é um produto histórico-cultural. Assim, a relação indivíduo-genericidade é a relação do homem com o gênero humano, o que inclui necessariamente, a relação de cada indivíduo singular com as objetivações humanas, quais sejam, as objetivações concretizadas historicamente pelos homens através das gerações, ao longo de toda a história da humanidade.

Na exposição feita, o trabalho é o cerne da natureza do homem, cuja existência primária é o seu motor de explosão. E, neste processo, reside toda a força propulsora da ação de domínio da natureza exterior ao homem, cujo elo os liga a viverem em sociedade como qualquer outro animal, mas na produção da vida material o homem, para comer, beber, vestir-se e se abrigar dos perigos e das intempéries necessita trabalhar, criar, dessa forma, as condições necessárias à produção da vida e isto ele o faz por meio da educação e o faz como ato pensado. "O trabalho é, portanto, uma ação humanizadora da nossa espécie animal, isto é, humanizadora do próprio ser humano por ser a única ação a nos diferenciar de outros animais." (LAZZARESCHI, 2016, p. 08).

## Trabalho e educação na produção da vida material do homem

A educação é um diálogo amistoso ('amoroso' — Jaspers) entre dois sujeitos. A rigor, deve-se dizer que a educação não tem objeto, e sim somente objetivo. Existencialmente falando, educar é um verbo intransitivo. É a sociedade que, em sua totalidade, se comporta como agente-paciente do processo educativo. Por consequência, a expressão teórica perfeita da natureza histórico-antropológica da educação resume-se nesta expressão: a sociedade educa (PINTO, 1987, p. 43).

O esforço da sociedade para construir um novo modo de produção da existência necessita de uma forte articulação com o processo formativo do homem, cuja materialidade é a conformação do novo homem, o homem do trabalho. Qual base educacional então e capaz de formar esse novo homem? A única forma possível é o trabalho nas múltiplas dimensões, quer seja como processo educacional, quer seja como prática produtiva, pois o homem necessita assumir o controle da produção de bens materiais necessários à vida, tanto quando bens culturais. Dessa forma, o ser que come, bebe, veste, procria e habita é o mesmo ser que trabalha, aprende, ensina e cria as representações culturais a partir da base material em que vive. O ser que produz a cultura também edifica a expressão religiosa como elo entre ele e o céu. Ao tomar posse dos meios de produção, o trabalho organiza sua reprodução material de acordo com as condições que vão sendo forjadas pelos experimentos da vida e este processo não se extingue socialmente, pois a dinâmica impõe à sociedade mudanças constantes.

Mediante o exposto, afirmarmos que Trabalho e educação são partes constitutivas do homem. O primeiro funda o ser social, enquanto que a segunda permite a reprodução social por meio do acúmulo de conhecimento e seu processo de ensino. A educação é um produto social criado pelo homem no seu devir histórico, cuja existência é um ato indissociável do ser social. Por isso Pinto (1989) traz em forma de síntese a expressão: a sociedade educa. Aqui reside a vida do homem e das várias formações sociais que os mesmos criaram ao longo de sua existência, com características peculiares e formas distintas da produção da vida material. Diante disso, as sociedades humanas trazem no seu interior um processo de formação e reprodução social, pois o homem é,

por excelência, um ser social, que é produto do trabalho e de educação. Não obstante, Paro (1999, p. 106) sustenta que "o trabalho em sua forma humana é, [...] a mediação que o homem necessita para construir-se historicamente", pois:

Trabalhar é uma atividade exclusivamente humana por ser consciente, deliberada, com o propósito explícito de gerar resultados que possibilitem a satisfação não só de necessidades relativas à sobrevivência (alimentação, vestuário, abrigo, manutenção da vida), mas também de necessidades sociais, culturais, artísticas, espirituais, psíquicas sentidas e/ou criadas pelo homem. Só é possível ser realizada porque somos dotados de inteligência, iniciativa, espírito crítico, criatividade que se desenvolvem ao longo de seu processo e, por isso, o trabalho deve permitir a realização plena da natureza humana (LAZZARESCI, 2016, p. 07).

O trabalho, porquanto, é a atividade essencial da existência do homem, cuja relação com a natureza o permite satisfazer suas necessidades primárias de forma distinta dos demais animais presentes na natureza. O ato de comer, beber, procriar, vestir-se e abrigar-se agora é um ato sem retorno, o que leva o homem a promover relações sociais cada vez mais complexa em conexão com a produção da vida material, cuja relação de existência não depende da sua vontade, mas das condições dadas e encontradas socialmente no seu nascimento. Este feito se materializa com a ação do homem sobre o objeto natureza, que forja o indivíduo como espécie humana e a ele dá as condições necessárias para estabelecer e criar relações sociais com outros da mesma espécie, o que implica em humanizar-se. Com efeito, Pinto (1962, p. 10), afirma que:

[...] Fora do sistema de relações sociais o 'homem' tem existência apenas abstrata, não passa de uma ideia geral; o que de fato existe é sempre o homem concreto, ou seja, aquele que se acha envolvido por determinado sistema de relações produtivas, cuja realidade não depende da sua vontade, mas foi forjada ao longo do processo expansivo da capacidade produtiva comum da espécie humana, de melhor apropriação dos fatores naturais em seu proveito.

Nesta perspectiva, Amboni (2014, p. 17) argumenta:

Na produção social, os homens constroem relações sociais e, nestas relações, as formas da reprodução da vida social. Para que isso possa se materializar, os homens necessitam comer, beber, vestir, ter as condições materiais para viver, pois a premissa básica da vida humana é a existência do homem real humanizado pelo trabalho.

Nesta relação, o homem aprende com a própria (re)produção da vida a criar os instrumentos necessários à organização do trabalho, portanto, para o mundo da produção, para a defesa da vida, bem como a estabelecer relações sociais entre si e a criarem as instituições sociais de que necessitam para organizarem-se em sociedade. Porquanto, nestas condições, o homem já é um ser social, cujas lutas diárias pela vida são um permanente vir a ser na história do homem. O homem aprende, mas como? Na luta pela vida ele se solta dos instintos naturais, que são inerentes ao mundo animal, e aprende no processo do trabalho. Pinto (1969, p. 340) sustenta que, pelo trabalho, "[...] o homem instrumentaliza os objetos que lhe são manuais e os transforma em recursos para a ação sobre a natureza. [...]" Nesta relação, o trabalho é o que diferencia o homem dos animais, pois o ato de trabalhar constitui-se em um comportamento verdadeiramente humano, o que o leva a realizar experiências na fabricação de ferramentas e assim expandir suas forças físicas para agir na natureza. Com efeito, Pinto (1969, p. 340) observa:

[...] O trabalho só se tornou possível porque o processo de evolução biológica levou a espécie que seria mais tarde a do 'homo sapiens' a produzir e desenvolver em forma de processo histórico instrumentos materiais que lhe permitiram modificar o meio ambiente em função de finalidades, que, sendo ideias na esfera do pensamento, se foram aos poucos criando e tornando conscientes. A produção das ideias e dos instrumentos são duas faces do mesmo processo acumulativo, entre as quais se trava um determinismo recíproco. A princípio os instrumentos são os próprios membros, especialmente as mãos e os dedos que, libertados da obrigação de apoiar a marcha, se tornam expedidos para tarefas mais delicadas. Mas não é apenas a destreza manual, aumentada pela oposição do polegar aos restantes dedos, que explica esse progresso, porque também em algumas espécies antropóides, particularmente nos pongídeos, estas particularidades anatômicas se verificam, sem que os animais desse tipo se tornem capazes de realizar efetivo trabalho. É que no homem em formação, concomitantemente com a especialização sensorial e motora dos membros superiores, dava-se outra evolução anatômica que levaria a constituir-se em ser capaz de trabalhar: trata-se do processo de cefalização, a que se refere Tailhard de Chardin, e que no homem culmina na complexidade histológica e nas reações bioquímicas da substância cinzenta do cérebro, em virtude das quais se torna possível uma escala de reflexos condicionados que terminam no surgimento da ideia abstrata. Quando esta etapa é atingida, embora não se possa assinalar nenhum momento de transição brusca, nem datar cronologicamente o começo dessa fase, o homem entra realmente a trabalhar, porque não só as operações elementares que já anteriormente fazia, muitas das quais eram comuns a ele e aos antropóides, passam a ser feitas agora em função de uma percepção *ideativa* e não mais instintiva, como se abre para a ação um espaço de infinitas oportunidades, com a descoberta fundamental, que em tal fase consegue fazer, a descoberta da instrumentalidade dos objetos naturais, dispostos aí, ao alcance da mão, e como sinal supremo da passagem à era homínida a capacidade de fabricá-los intencionalmente. [...]."

Desse modo, a aprendizagem e a experiência no homem assumem um caráter de desenvolvimento histórico, pois estes "[...] torna-se fonte de atos originais concebidos primeiramente como plano do pensamento e depois executados na prática da existência, [...]." (PINTO, 1969, p. 342). Neste caso, o homem "[...] adapta-se ativamente à natureza, pelo ato de adaptá-la a ele. Mas, para tanto faz-se preciso conhecer as propriedades dos corpos que compõem o mundo, as leis que os regem", por isso, "o sujeito deve apoderar-se em forma de ideias de tais dados objetivos para com eles organizar o projeto de transformação da realidade." (PINTO, 1969, p. 374). E como ele faz isso? Ele o faz por meio do processo de conhecimento acumulado sobre a natureza no seu devir histórico, o faz com o que é dado e encontrado na natureza para ser materializado e, com isso, poder satisfazer as necessidades humanas primárias e, com isso, realizar de forma objetiva sua presença no mundo como humano, como ser social. Neste processo, Brandão (1981, p. 23), observa que "[...] A socialização realiza em sua esfera as necessidades e projetos da sociedade, e realiza, em cada um de seus membros, grande parte daquilo que eles precisam para serem reconhecidos como 'seus' e para existirem dentro dela."

A socialização do homem é um ato histórico advindo da luta pela vida, cujo alicerce é o trabalho realizada na transformação da natureza em objeto de ação, cujo propósito vida produzir sua existência material. Neste ato, o homem aprende com seu próprio ato e desenvolve as capacidades cognitivas por meio de relações exteriores com o que é dado e encontrado na natureza, com os ditos fenômenos do mundo em toda sua extensão, e, neste caso, os órgãos de sua individualidade (ver, ouvir, cheirar, degustar,

sentir, pensar, perceber, experimentar, querer, atuar etc) agem para dar resposta às necessidades presentes na luta pela vida de forma objetiva. Mas o homem não age individualmente. Ele age em comunicação com outros homens, o que torna a vida do homem social e, nesta relação social, ele se depara com um movimento constante de comunicar-se para realizar determinada ação que está presente no mundo objetivado pelo homem. A ação objetiva do homem sobre o mundo materializado se torna um ato de aprendizagem e de educação, pois ele precisa aprender a viver sobre aquilo que ele criou na sua exterioridade de forma objetiva, que é o mundo humano. Sua base de ação é o mundo por ele criado, por isso a educação nasce junto com o mundo humano, cuja natureza permite ao homem um constante aprender ao longo de sua existência, pois ele precisa adaptar o mundo para si e, ao mesmo tempo, adaptar-se no mundo por ele criado, que é o mundo humano (social, político, moral, religioso etc), e isto ele faz aprendendo e ensinando, o que é considerado como educação. No ato de aprender, Lontiev (s/d, p. 290) observa:

As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí apenas postas. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, 'os órgãos da sua individualidade', a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através de outros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança aprende a atividade adequada. Pela sua função este processo é, portanto, um processo de educação.

Não obstante, Kosik (1968, p. 10) afirma:

[...] no trato prático-utilitário com as coisas — em que a realidade se revela como mundo dos meios, fins, instrumentos, exigência se esforços para satisfazer estas — o indivíduo "em situação" cria suas próprias representações das coisas e elabora todo um sistema correlativo de noções que capta e fixa o aspecto fenomênico da realidade.

Nas palavras de Kosik, o mundo se torna objetivo ao homem, pois este capta os fenômenos que a realidade lhe apresenta nas múltiplas dimensões e as reelabora no pensamento como pensamento concreto. Mas o concreto são as representações criadas pelo homem do real, como se houvesse um *telos humano*, cujo processo de criação das representações do real no pensamento permite também que se crie uma estruturação e um método de ensinar o homem acumula de concreto pensado no seu devir histórico. Nesta perspectiva, Brandão (1981, p. 22) sustenta que:

[...] tudo o que é importante para a comunidade, e existe como algum tipo de saber, existe também como algum modo de ensinar. Mesmo onde ainda não criaram a escola, ou nos intervalos dos lugares onde ela existe, cada tipo de grupo humano cria e desenvolve situações, recursos e métodos empregados para ensinar às crianças.

Na existência da vida, a educação, isto é, o processo de transmissão da cultura material acumulada pelo homem no seu devir histórico, traz um componente conservador, pois sua determinação histórica é a reprodução social como tal. Na determinação da vida material, os processos constitutivos da sociedade partem do modo de organização da produção social, cuja centralidade dada pelo trabalho expressa uma determinada forma educacional. Consolidada a organização produtiva, a educação dominante toma o corpo da classe dominante como elo de domínio cultural nas

relações sociais estabelecidas no devir histórico do homem. Nesta perspectiva, Dias (2011, p. 44) sustenta que não há neutralidade na educação, pois "ela expressa os diferentes modos de vida – tradução empírica – da articulação entre as macro-determinações (as famosas relações sociais de produção) e as micro-determinações presentes no cotidiano de mulheres e homens, isto é, das classes." Neste sentido, a educação "[...] determina as formas de pensar, agir, sentir, praticar o amor e mesmo responder aos problemas da sobrevivência material e simbólica" (DIAS, 2011, p. 44), pois ela está presente em qualquer formação social. Logo, a expressão utilizada por Brandão (1981, p. 07) "ninguém escapa da educação" é a síntese que está presente em qualquer sociedade, por isso o homem é um ser histórico e faz história, pois sua forma de ser e de agir socialmente ele transmite aos seus de forma social, como processo de reprodução do sistema criado por ele, em quaisquer formações sociais. Sob a observância do mesmo ponto de vista, Pinto (1969, p. 188) assevera que:

[...] Toda realidade material perdura, manifestando no tempo alguma modalidade essencial da sua constituição objetiva. No homem essa modalidade adquire significado novo, qualitativamente distinto, o da historicidade. Ao viver, o homem historiciza o tempo, a duração cronológica do existir da realidade [...].

O que implica a afirmação de Pinto sobre "ao viver, o homem historiciza?" Uma única certeza, a de que o homem faz sua história e esta história é transmitida às gerações futuras, como mecanismo de proteção social, pois o homem vive em um tempo histórico e, neste tempo de vivência, ele historiciza seu próprio tempo de acordo com a realidade dada e vivida pelos homens. No processo de historicizar as relações vividas pelo homem no trabalho, o homem cria a educação como processo de registro histórico e de transmissão do conhecimento até então acumulado. O ser que historiciza é o mesmo ser que educa os seus, como processo de reprodução da vida social criada, pois a sociedade criada pelo trabalho é uma sociedade recriada pelo processo educacional, mas as formações sociais não são eternas, elas são tensionadas até o ponto de ruptura revolucionária, o que não é objeto neste trabalho.

Nesta perspectiva, corrobora Saviani (1986, p. 14) com a seguinte argumentação:

[...] todo sistema educacional se estrutura a partir da questão do trabalho, pois o trabalho é a base da existência humana, e os homens se caracterizam como tais na medida em que produzem sua própria existência, a partir de suas necessidades. Trabalhar é agir sobre a natureza, agir sobre a realidade, transformando-a em função dos objetivos, das necessidades humanas. A sociedade se estrutura em função da maneira pela qual se organiza o processo de produção da existência humana, o processo de trabalho.

Por isso, Pinto (1987, p. 21) sustenta que:

[...] A educação é histórica não porque se executa no tempo, mas porque é um processo de formação do homem para o novo da cultura, do trabalho, de sua autoconsciência. A educação como acontecimento humano é histórica não somente porque cada homem é educado em um determinado momento do tempo histórico geral — aquele em que lhe cabe viver (historicidade extrínseca) — mas porque o processo de sua educação, compreendido como o desenvolvimento de sua existência, é sua própria história pessoal (historicidade intrínseca).

Tanto Fromm, quanto Dias, Saviani e Pinto sustentam que a atividade humana central é a produção da vida material no processo de transformação da natureza e,

nessa relação, se processa a hominização, humanização e educação permanente do homem por meio do trabalho. Portanto, a atividade de produção da vida do homem, que é mediada na relação homem/natureza, mantém relações de produção em conformidade com determinadas formações sociais criadas pelo homem no seu vir a ser, dadas pelo trabalho, que são formas históricas, portanto, transitórias na vida social. Nelas, ao longo do processo histórico da produção da vida material, se desenvolvem classes sociais distintas e em consonância com o modo como os homens produzem e "o modo como os homens produzem os seus meios de vida depende, em primeiro lugar, da natureza dos próprios meios de vida encontrados e a reproduzir." (MARX; ENGELS, 2002, p. 15). Mas

Este modo da produção não deve ser considerado no seu mero aspecto de reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-se já, isso sim, de uma forma determinada da actividade destes indivíduos, de uma forma determinada de exprimirem a sua vida, de um determinado *modo de vida* dos mesmos. Como exprimem a sua vida, assim os indivíduos são. Aquilo que eles são coincide, portanto, com a sua produção, com *o que* produzem e também com o *como* produzem. Aquilo que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais da sua produção (MARX; ENGELS, 2002, p. 15).

Contudo, a relação trabalho/hominização só é possível por meio de um processo que permite sua recriação no pensamento como concreto pensado. E o que permite a recriação do processo vivido como pensamento concreto? Em uma palavra, a educação.

Dessa forma, Brandão (1981, p. 10-11) sustenta que

A educação é, como outras, uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um dos seus sujeitos, através das trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita [...].

Para nossos autores, hominização e educação são processos constitutivos do ser social, cuja premissa básica é o trabalho. O ato de comer e beber é natural em todas as espécies de animais, mas o ato de comer e beber como ação produtiva tem a primazia do homem em sua luta diária pela vida e este ato perene assegura ao homem sua condição de humano. Mas para que aja a condição de humano o processo de educação também se torna perene, cuja centralidade é o processo que permite ao homem acumular e registrar conhecimentos sobre suas atividades, que são desenvolvidas no mundo real de forma objetiva, mas não linear, pois os grupos sociais são distintos entre si e, como tal, criam e recriam sua cultura a partir da base material dos meios encontrados na natureza e a reproduzir como processo de humanização de si.

Nesta perspectiva, homem e natureza existem como ato de hominização, pois, na luta pela vida, o homem exterioriza e da existência à natureza, que se torna objeto que ação e de transformação à produção da existência material do homem. Nesta ação, o trabalho é o cerne da hominização e a educação é a centralidade do processo de reprodução humano-social.

## Conclusão

O homem é, como espécie, um ser natural que funda o ser social. Sua existência social é o trabalho na produção da vida material. A determinação biológica como ente vivo traz uma peculiaridade, que é a incorporação da ciência em suas atividades na luta pela vida e a educação, como processo de transmissão da ciência que o mesmo acumula no seu devir histórico. Sua existência real parte do tripé trabalho, hominização e educação. Neste está contido o processo de produção e reprodução do homem enquanto ser social, cuja materialidade depende da natureza exteriorizada e criada por ele, pois ao fazer sua história ele também faz a história da natureza. Sem o homem não há natureza, não há história.

No processo de produção da vida, o homem não cria somente instrumentos de trabalhos e artefatos para aliviar o fardo do próprio trabalho, como desenvolvem ideias sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca, desenvolvendo conhecimentos sobre a produção da vida, valores morais, crenças religiosas e formas de relacionamento e de organização social, como forma de convívio entre si, organizando sistemas de leis e estruturas políticas em consonância com a formação social criada. Neste processo, criam também mecanismo de transmitir a cultural material acumulada por meio da educação, desenvolvendo uma racionalidade e um processo que permite o planejamento para agir sobre as forças da natureza, controlando-as de acordo seu interesse político, econômica, social etc, e suas necessidades materiais.

Dessa forma, o homem cria as relações sociais e dá à natureza uma história humana a partir do trabalho ao longo de sua existência material. Trata-se, portanto do trabalho como ontocriador, materializado com o afastamento do homem da sua barreira natural, cuja luta diária pela vida cria o mundo humano e transforma o mundo exterior ao mesmo tempo em que se transforma dialeticamente, pois sua razão capta o mundo de forma abstrata por meio do pensamento (ideias), e estes são os reflexos da apreensão dos fenômenos captados de forma subjetiva da realidade concreta e objetiva do mundo exterior, cuja realidade independe do pensamento. Contudo, para viver no mundo humano, o imperativo da produção social da existência é os homens criarem os próprios instrumentos e meios de produção, pois seu ser social é seu mundo real (comer, beber, vestir-se, procriar, habitar etc) e seu mundo real e o processo de produção da vida material, que é histórico e cultural (religião, educação, político etc).

## Referências

AMBONI, Vanderlei. **A Escola no Acampamento do MST**: Institucionalização e Gestão Estatal da Escola Itinerante Carlos Marighella. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2014.

BEZERRA NETO, Luiz. **Sem-Terra aprende e ensina**: estudo sobre as práticas educativas do movimento dos trabalhadores rurais. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1981

CHILDE, V. Gordon. **A evolução cultural do homem**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

COSTA, Gilmaísa Macedo da. Lukács e a ideologia como categoria ontológica da vida social. **Revista Urutágua**. Maringá, nº 09, abr/mai/jun/jul de 2006. Disponível em <http://www.urutagua.uem.br/009/09costa.htm>. Acesso em 14/08/2016.

ENGUITA, Mariano Fernandez. **Trabalho, escola e ideologia**. Porto Alegre: Arte Médicas, 1993

FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Prefácio. In **Trabalho, subjetividade e formação humana em tempos de reestruturação do capitalismo** / organizador Roberto Arruda. - Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: Fazenda, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1991.

FROMM, Erich. **Meu encontro com Marx e Freud**. 4ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

LEFEBVRE, Henri. **Marxismo**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

LAZZARESCHI, Noêmia. **Trabalho ou emprego**. In. <http://www2.videolivreria.com.br/pdfs/10035.pdf>. Acesso em 12/06/2016.

LIONTIEV, Alexei Nikolaevich. **Atividade e Consciência**. 1972. In. <https://www.marxists.org/portugues/leontiev/1972/mes/atividade.htm>. Acesso em 19/05/2014.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. Uma contribuição à teoria de desenvolvimento da psique infantil. In L. S. Vigotski, A. R. Luria, & A. N. Leontiev, **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem** (pp. 59-83). São Paulo: Ícone, 2001.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Editora Moraes. S/d.

LOMBARDI, José Claudinei. **Educação e Ensino na obra de Marx e Engels**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

LUKÁCS, Gyorgy. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAKARENKO, Anton Semiônovitch. **O Socialismo e a Educação dos Filhos**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1956.

MARCUSE, Herbert. **Idéias sobre uma teoria crítica da sociedade**. Tradução Fausto Guimarães. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Centauro, 2002.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1963.

MORETI, Vanessa Dias; ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira; RIGON, Algacir José. O humano no homem: os pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural. **Psicologia & Sociedade**; 23 (3): 477-485, 2011

PARO, Vitor Henrique. Parem de preparar para o trabalho!!! Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica. In. **Trabalho, formação e currículo: para onde vai a escola?** Org. Celso João Ferretti et alii. São Paulo, Xamã. p. 101-121.

PARO, Vitor Henrique. Parem de preparar para o trabalho!!! Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica. In. **Trabalho, formação e currículo: para onde vai a escola?** Org. Celso João Ferretti et alii. São Paulo: Xamã. 1999. p. 101-121.

SILVA, Naura S. **Supervisão Educacional:** uma reflexão crítica. Petrópolis: Vozes, 1981.

SAVIANI, Demerval. O nó do ensino de 2º grau. **Bimestre**, São Paulo: MEC/INEP – CENAFOR, n. 1, out. 1986.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

PINTO, Álvaro Vieira. Por que os ricos não fazem greve? **Caderno do Povo Brasileiro**. V. 4. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e existência:** problemas filosóficos da pesquisa científica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

TCKESKISS, L. A. **O Materialismo Histórico em 14 Lições**. Editora Calvino Filho, 1934. In <http://www.marxists.org/portugues/tematica/1922/materia/cap07.htm>

VYGOTSKY, Lev. **A Transformação Socialista do Homem**. 1930. Tradução Nilson Dória. In. <http://www.marxists.org/portugues/vygotsky/1930/mes/transformacao.htm>

